

TRANSMASCULIDADES, PASSABILIDADE E MANEJO DE DADOS ON-LINE: ALGUMAS QUESTÕES ACERCA DA DIGITALIZAÇÃO DE SI NO FACEBOOK

Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira¹

Resumo: Como entendimentos de passabilidade de homens trans atravessam suas práticas de gestão de dados sobre si no Facebook, com suas possibilidades técnicas? Por meio de entrevistas com usuários da plataforma digital, chega-se a um entendimento de passabilidade – de “passar por cisgênero” – em que a consideram importante, por um lado, por questão de segurança, de respeito no convívio social, de desnecessidade de reafirmação, de autoestima e de autoimagem, e por outro, como uma questão de privilégio, enviesada por questões de diferença e ligada ao apagamento da condição trans e às pressões dos padrões estéticos. Os resultados levam a processos de (des)indexação de dados sobre si e gerenciamento de relação on-line para gestão de informação em copropriedade e negociação de limites de privacidade.

Palavras-chave: Passabilidade, Trans, Cultura, Tecnologia Digital, Comunicação On-line.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, membro do Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura (GIG@) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: sergiorodrigosf@gmail.com

Introdução

Este trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa em andamento para a tese de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia. A passabilidade, que é a característica de sujeitos transgêneros passarem por sujeitos cisgêneros, trata sobre a habilidade de conseguir apagar marcas do sexo imposto ao nascer e colocar em si características sociais da identidade de sexo ao qual deseja ser reconhecido.

É nesse sentido que a proposta deste artigo é pensar as transmasculinidades em processos de digitalização de si nas redes sociais on-line através de enredamos nos debates teóricos das tecnologias e do gênero. Propomos relacionar o entendimento de si enquanto sujeito generificado de homens trans e sua relação com a tecnologia no processo de escrita de si na ambiência digital e de relacionar-se com o outro nesses espaços. É neste viés que a questão que propomos é: como entendimentos de passabilidade de homens trans atravessam suas práticas de gestão de dados sobre si na plataforma digital do Facebook levando em conta suas possibilidades técnicas? Objetiva-se apresentar os atravessamentos discursivos entre as negociações de se colocar como sujeito on-line possuidor de um gênero e ações de desindexação e gerenciamento de sociabilidades naquele ambiente digital.

O trabalho de coleta de dados consistiu em entrevistas semiestruturadas com 14 homens trans feitas digitalmente e para este artigo procuramos recuperar das falas suas noções de passabilidade e as estratégias digitais de indexação e desindexação de si no relacionamento com o outro por meio do Facebook estabelecendo negociações sociotécnicas de limites no que se refere a ações de diferenciação do público e de publicações sobre suas questões de gênero.

Passabilidade e transmasculinidades

Quando falamos especificamente sobre a questão da passabilidade no espectro das transmasculinidades ela aparece de modo muito próprio tendo em vista os efeitos da hormonização sobre os corpos, notadamente da testosterona, que rapidamente marca um corpo como masculino e garante uma leitura de terceiros do sujeito enquanto homem, inclusive quando confrontamos as maneiras como sujeitos a significam em suas vidas e em relação a si e ao outro e como isso atravessa suas vivências no espaço *online*.

Ao pensar as vivências de passabilidade – o que, de modo geral, nós entendemos como prática performática do gênero (DUQUE, 2017), enquanto um certo platô que uma pessoa trans atinge para ser lida como uma pessoa cisgênera – no contexto das transmasculinidades, Pol Galofre (2014) faz um relato de seus atravessamentos em sua vida ao mostrar a ambivalência dessa característica na sua própria experiência enquanto homem trans, quando ele enfim se dá conta que “passa”.

Galofre revela os processos pessoais da transição e de experimentar o que a passabilidade traz enquanto reflexão de uma masculinidade hegemônica experimentada por um homem trans (branco e europeu):

Aí está. Consegui. Eu passo. O que aconteceu? Eu passo enquanto menino. Que conceito horrível. Não era para ser “eu sou um menino”? Mas que menino? Eu nunca serei um garoto cis, eu sou um garoto trans. E eu amo isso, eu não mudaria isso, é como me sinto melhor. Mas agora eu passo. Eu passo como um garoto cis com tudo o que isso implica (GALOFRE, 2014, online, tradução nossa).

Entres as questões trazidas por Galofre está por um lado a sensação de sentir-se mais seguro ao andar nas ruas e de experimentar os privilégios de ser homem e por outro, o processo de apagamento da sua condição trans, bem como começar a ser lido como um potencial agressor pelas mulheres.

Essa distinta visão da passabilidade para o homem trans apontada por Pol Galofre aparece nas vivências dos homens trans com os quais conversamos. Eles apontam a importância da passabilidade por questão de segurança, por não precisar ficar se afirmando e se explicando enquanto sujeitos trans, e também como um fator de aumento da autoestima justamente por ser lido como aquilo que é, por ser reconhecido em seu gênero e pelo seu corpo tomar forma daquilo que sente ser. João Hugo, 25 anos, fotógrafo, ativista e estudante universitário apontou a questão da segurança como um fator de importância para a passabilidade, bem como que a questão de seu gênero não necessariamente ser tema de discussão:

Para mim a passabilidade é uma questão de segurança. Você não se apresenta “oi, eu sou Sérgio, eu sou cis”, sabe? Quer dizer, eu acho que você é cis, né? Se você for você não se apresenta “oi, eu sou Sérgio, sou cis”. Então eu não preciso me apresentar “oi, eu sou João, sou trans”, sabe? Eu sou João e acabou. E a passabilidade te dá isso, essa possibilidade de você não ficar necessariamente o tempo todo dizendo que você é trans, porque as vezes você pode estar em lugares que podem te colocar em risco de violência

Por outro lado, os homens trans apontam aspectos negativos da passabilidade apontada como uma questão de privilégio a poucos que têm acesso – o que significa condições financeiras para comprar hormônios, fármacos, ter acompanhamento médico, fazer cirurgias e frequentar academias – e também entendida como demanda de pressões estéticas para se encaixar nos padrões da sociedade. Além disso, ela seria enviesada por questões de classe, raça, sexualidade e deficiência:

Enxergo a passabilidade como um privilégio, acima de tudo. Até porque, para conquista-la, uma pessoa trans precisa passar por muitos processos que envolvem acessibilidade e dinheiro. Os custos psicológicos do dia-a-dia para nós, por si só, já são muito caros. Costumo dizer que a gente não transiciona só porque quer, mas porque a gente precisa. É uma questão muito, muito cotidiana de sobrevivência, principalmente durante o começo desse processo, e essas experiências vão gravitar de maneira muito pessoal; entra em questão outras competências como classe social, raça, sexualidade, deficiências, etc. (Joaquim, 23 anos, estudante de Direito).

A passabilidade é associada ainda ao apagamento da condição trans de modo que o sujeito não é mais reconhecido dessa forma o que significaria para a causa trans uma perda:

Por um lado é algo que minimiza todo o sofrimento vivido anteriormente como reflexo do “não lugar”. No meu caso eu era confundido antes da transição. De costas a achavam que era um cara de frente uma mulher. Então pra mim meio que foi um alívio as pessoas passarem enfim a me respeitar e me ler como eu me via. Agora por outro lado existem questões que precisam ser expostas a sociedade. Eu gosto de sempre que possível dizer que sou transexual pras pessoas entenderem que pessoas como eu existem e resistem, que são pessoas normais que comem bebem caga que tem uma vida que precisam de trabalho e tudo mais. E acho que a passabilidade meio que inviabiliza esse rolê (Izah, 26 anos, produtor audiovisual e apresentador).

Abaixo a relação das associações positivas e negativas sobre a passabilidade feita pelos homens trans entrevistados:

ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> • É uma questão de segurança; • Não é precisar se reafirmar e se explicar com frequência enquanto trans; • Aumento da autoestima; • Ter a imagem daquilo que sente ser; • Permitir ser respeitado no gênero que se afirma (inclusive no uso dos pronomes no masculino). 	<ul style="list-style-type: none"> • É uma questão de privilégio daqueles que têm acesso (e dinheiro) a hormônios, fármacos, cirurgiões e academias; • É enviesada por questões de classe, raça, sexualidade e deficiência; • Está ligada ao apagamento da condição trans; • É resultado da pressão para se encaixar em padrões estéticos.

Tabela 1 – Aspectos positivos e negativos associados a passabilidade pelos homens trans entrevistados.

Manejo de dados e gerenciamento de rede de homens trans no Facebook

Enquanto ações de gerência em seus perfis no Facebook como controle de acesso ao conteúdo os entrevistados citaram o ato de bloquear pessoas – geralmente associada ao bloqueio de pessoas que são transfóbicas ou que tem posições políticas e opiniões distintas –, de aceitar ou adicionar perfis na rede social (calcada na decisão de aceitar apenas pessoas conhecidas e na verificação dos perfis antes de adicionar esse s sujeitos), de restringir os acessos aos conteúdos no sentido de manter seus conteúdos apenas para seus amigos, e de postagens públicas expressando a vontade de como quer ser tratado. Além disso, alguns desses homens falam sobre ações de deletar perfis, fotos ou posts:

Deletei meu perfil antigo pq o fb não deixava eu usar nome social. Dai deletei e fiz um novo. E as fotos tbm estavam lá. Queria me livrar logo delas pra não piorar minha disforia (Berilo, 30 anos, nutricionista).

Nas minhas redes sociais, antes de apagar eu salvei algumas fotos e estão até hoje no meu Facebook. Eu gosto de olhar as vezes, lembrar de algumas coisas, eu não tenho como controlar, né?, porque, por exemplo, no Facebook de minha mãe, está lá ativo até hoje (minha mãe encontra todas as fotos que ela pode, antigas). E tem umas fotos minhas lá que eu estou bem menininha, mas eu não tenho muitos problemas com isso não, sabe?, algumas pessoas até me mandam as vezes fotos comigo para comparar, “olha como você está diferente” e isso é legal. Sabe, eu não tive problema com isso não. E na rede social atual eu apaguei sim algumas fotos que eu tirava quando eu era pré-T, mas eu apaguei em um momento de crise de disforia, eu estava muito disfórico, aí eu apaguei tudo (Nico, 20 anos, estudante de publicidade e propaganda).

A seguir a relação das ações de gerenciamento das redes referenciadas pelos sujeitos entrevistados:

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Bloquear	Bloqueia pessoas com ações transfóbicas e posições políticas e opiniões distintas.
Aceitar/adicionar	Só aceita/adiciona na sua rede social on-line pessoas conhecidas. Verifica os perfis antes de adicionar (verificando posições e opiniões).
Restringir	Manter o acesso ao conteúdo apenas para amigos (privado). Alguma (pouca) troca de privacidade.
Deletar	Perfis, fotos e posts ou para se livrar de perfis com dados do passado ou por dificuldade de alterar o nome (política do Facebook).
Avisar “publicamente”	Publicação de posts sobre como quer ser tratado e declarando sua condição trans.

Tabela 2 – Ações de gerenciamento do perfil do Facebook dos homens trans entrevistados.

Ao tratar de memória e de tecnologia pensando especificamente a vontade de ter aspectos de sua vida esquecidos ou relevados pelo outro, estamos falando sobre informações que estão em co-propriedade com outros e nesse sentido fora do controle pleno do sujeito. É desse modo que tratamos dos dados sobre si como um processo de indexação e desindexação ao corpo digital dos sujeitos. Os dados digitais são materialidades que dizem coisas sobre o sujeito, algumas que não necessariamente dizem respeito àquilo que expressa sua condição atual. A indexação de conteúdo on-line se torna um problema devido à complexidade (de formatos e tipos) e quantidade dos dados presentes nos ambientes digitais e a necessidade de classificá-los e recuperá-los. É um processo que vai vinculando ao perfil *online* do sujeito uma série de dados, associando pessoas, territórios, imagens em diferentes tempos por critérios que a simbiose máquina/pessoas considera de relevância. Desse modo, desindexar é romper com as ligações entre determinados dados com outros classificados e recuperados pela máquina, sendo que por dado podemos entender também um agente humano.

No caso de sujeitos trans, o direito a desindexação se emparelha com a questão da passabilidade quando o atual sujeito que se apresenta com determinado gênero quer desassociar do seu passado qualquer dado que se refira às experiências de quando vivia com o sexo que lhe foi atribuído ao nascer.

Entretanto, a fronteira borrada entre público e privado e o fato dos usuários deixarem de reconhecer a audiência total de seus dados são preocupações com privacidade que podem servir de obstáculo ao envolvimento de digitalização de si por sujeitos trans.

Enquanto resultado de pesquisa percebemos que nos espaços digitais os homens trans entrevistados vivem plenamente sua transexualidade, tendo assim como principal estratégia de autoproteção na rede a própria constituição dessa rede, ao pensar quem pode estar presente nela e quem pode ter acesso à ela. O principal atributo na escolha das pessoas que podem estar presente na rede é essas aceitem e respeitem a condição trans do usuário e que compactuem de suas ideias e opiniões sobre política e comportamento. Nesse sentido, não há preocupações sobre diferenciação de público, já que este se dá na própria constituição dessa rede por meio de permissões de acesso e exclusões daqueles que não se encaixam no perfil ideal. Nesse sentido, a questão da passabilidade aparece mais como conteúdo desses ambientes do que como estratégia de convivência, relegada, assim, mais a ambientes off-line.

Conclusões

Por meio de conversas com homens trans usuários do Facebook é que se chega a um entendimento de passabilidade no qual alguns consideram importante e positivo atingir um estágio de passabilidade por questão de segurança, por não precisar ficar se reafirmando e se explicando enquanto trans o tempo todo, pelo aumento da autoestima, por ter a imagem daquilo que sente ser e por permitir ser respeitado no gênero que se afirma, inclusive no uso dos pronomes no masculino. Por outro lado, ela é vista também como uma questão de privilégio àqueles que têm acesso (e dinheiro) a hormônios, fármacos, cirurgias, academias. Também é enviesada por questões de classe, raça, sexualidade e deficiência. Além disso, o apagamento da condição trans e a pressão para se encaixar em padrões estéticos também foram apontados como aspectos negativos. Além disso, averiguou-se que como estratégia de gestão de dados a exclusão e a ocultação de fotos, exclusão de postagem por mudança de posicionamento, exclusão de perfil em rede social antes da transição, inclusive porque os sistemas não permitiam troca de nome, evitar ser fotografado, bloquear e excluir pessoas transfóbicas, escrita de texto pedindo respeito e controle de acesso aos conteúdos. Os resultados levam a processos de desindexação de dados dos resultados na busca de redes sociais *online* e negociações na co-gestão dos limites da privacidade na qual procura-se constituir uma rede com pessoas de perfil similar em relação a opiniões e posicionamentos. Assim, temos homens que nos ambientes digitais vivem orgulhosamente sua transexualidade com pessoas que a respeita, onde processos de passabilidade enquanto apagamento desse aspecto de suas vidas não se tornam necessários.

Referências

DUQUE, T. **Gêneros Incríveis**: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. Campo Grande: Editora UFMS, 2017.

GALOFRE, P. Pasar, ¡qué complicado!. **Pikara Magazine**. 24 mai. 2014. Disponível em <http://www.pikaramagazine.com/2014/05/pasar-que-complicado/>. Acesso 20 nov. 2018.